



Foto: MMM Recife

Economia feminista como projeto político: por nossos corpos, territórios e trabalhos!

Reivindicamos a **soberania alimentar, energética e tecnológica**. Acreditamos no direito de produzir, consumir e distribuir alimentos livres de agrotóxicos. Além disso, a energia e as **tecnologias de informação e comunicação** não devem ser pautadas por empresas que limitam o acesso e roubam nossos dados para lucrar.

Lutamos para ampliar os serviços públicos e o direito à saúde e à educação, ao cuidado e à alimentação saudável, à água, energia e à moradia. Queremos **ampliar a presença das mulheres** em todos os espaços políticos de decisão, mas isso não basta. Precisamos **unir forças dentro e fora da política** e das instituições para mudar as estruturas e promover mudanças radicais na nossa democracia.

Defendemos a capacidade das mulheres de se reunir, organizar e criar alianças estratégicas como movimentos populares. Afirmamos o socialismo como um horizonte de transformação. Estamos convencidas de que **sem feminismo não há socialismo**. Assumimos o compromisso de compartilhar os aprendizados feministas e aprender com as mulheres para, juntas, construirmos uma **sociedade de liberdade e igualdade**.

Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres!

Quer se organizar com a gente? Entre em contato!



  @marchamulheres

 @marchamundialdasmulheresbrasil

Site: marchamundialdasmulheres.org.br

E-mail: marchamulheres@sof.org.br

Diante de tantos desafios, nós da Marcha Mundial das Mulheres apostamos na **economia feminista** como **projeto político** para **transformar o mundo e a vida das mulheres**. A economia feminista propõe uma mudança radical na organização da sociedade, colocando a vida no centro. Assim, reivindicamos uma reorganização de todos os trabalhos que sustentam a vida, pautada pela igualdade.

Apostar na economia feminista significa colocar em prática a **reforma agrária popular**, com produção baseada na **agroecologia**. Nós temos condições de fazer isso, porque já fazemos! As mulheres e as populações tradicionais e do campo já constroem alternativas concretas em seus territórios, com seus saberes, tecnologias livres e formas de comunicação popular. Hortas comunitárias, lavanderias coletivas, as práticas da economia solidária e a agroecologia são exemplos de outras formas de organizar o trabalho na sociedade.

A **MMM** acabou de realizar, em julho de 2024, seu **3º Encontro Nacional**. O evento reuniu **1.200 mulheres em Natal**, no Rio Grande do Norte, e foi um espaço fundamental para mostrar a força do movimento e refletir sobre agendas de luta. **Em 2025** realizaremos nossa **6ª Ação Internacional** com o lema **“Seguiremos em Marcha contra as guerras e o capital, por soberanias populares e bem viver!”**

*Este informativo compõe os materiais do projeto contemplado pelo Fomento nº 958564/2024 do Ministério das Mulheres.



FEMINISMO É REVOLUÇÃO!



Somos a Marcha Mundial das Mulheres!

A **Marcha Mundial das Mulheres (MMM)** é um **movimento feminista internacional**. Estamos em mais de 60 países, em 5 regiões do mundo. Aqui no Brasil, nos articulamos em 23 estados, com coordenações estaduais, municipais, núcleos e coletivos territoriais.

Construímos nosso **feminismo** junto com outras **organizações de mulheres e movimentos populares** aliados. **Nosso feminismo é popular**. Para nós, a luta feminista se constrói a partir da realidade concreta da vida das mulheres. Nossa diversidade nos dá força para ser resistência contra as violências do capitalismo racista e patriarcal. No mundo inteiro, esses sistemas de opressão impactam a vida das mulheres, de povos e comunidades.

Queremos mudar o mundo e a vida das mulheres em um só movimento. E nossa estratégia para isso é a auto-organização das mulheres em cada lugar onde vivemos, trabalhamos e atuamos.



Foto: Wigna Ribeiro

Somos **mulheres trabalhadoras** e nos organizamos no campo, da cidade, das águas e florestas. Negras, indígenas, quilombolas, sindicalistas. Somos diversas em nossas sexualidades, identidades, modos de ser e viver. Lésbicas, bissexuais, transexuais, mulheres com deficiência, jovens, idosas, da economia solidária.

O que nos une e fortalece é um **feminismo popular** que se constrói no cotidiano das nossas vidas com uma agenda política que nos organiza e nos mobiliza.

Um feminismo em que todas nós cabemos!

Mudar o mundo com força e ousadia!

No Brasil e no mundo, **as mulheres estão na linha de frente da resistência ao fascismo**. Resistimos às violências direcionadas aos nossos corpos e mentes, e a um modelo modelo de família heteropatriarcal, ou seja, que reforça a ideia de que as mulheres estão subordinadas à figura do homem, causando aumento da sobrecarga de nossos trabalhos.

Somos um movimento que luta de forma permanente pela autonomia econômica das mulheres, para sermos livres da pobreza e da violência. As armas e a violência estão cada vez mais fortes nas periferias, nos campos, aldeias, quilombos, terreiros, escolas. Estamos em luta pela **paz e solidariedade** com os povos e mulheres do mundo inteiro que **resistem ao capitalismo neoliberal, às guerras, ao colonialismo e aos bloqueios econômicos**. Estamos juntas com o povo palestino e exigimos: **Palestina livre!**



Foto: Ingrid Figueiredo



Foto: Cinthia Barenho

Lutamos pelos bens comuns e por uma relação de harmonia entre as pessoas e a natureza (essas coisas não estão separadas!) ao invés de relações de exploração. Infelizmente, não faltam exemplos da ação criminosa de **grandes empresas** (também chamadas de **empresas transnacionais**, porque atuam no mundo todo). Essas empresas destroem a natureza e as comunidades. É o caso, por exemplo, da mineração da Braskem que afundou a população de Maceió, e dos rompimentos de barragens da Vale em Brumadinho e Mariana. Sem falar no aumento das queimadas propagadas pelas matas do Brasil inteiro. Essas empresas vendem uma ideia de “**capitalismo verde**” para lidar com os efeitos da **crise climática**. Mas, na verdade, essas **soluções são falsas**, porque alteram os modos de vida das populações que vivem nos

Denunciamos o racismo ambiental que faz com que populações pobres e periféricas sejam forçadas a viver em ambientes de risco, destruídos e sem infraestrutura. A população é impedida de circular livremente, fica insegura, sem autonomia para produzir e viver.

lugares e aumentam a demanda por energia, ar, água, além da contaminação.

Os efeitos climáticos extremos já são realidade. Sofremos com as enchentes no Rio Grande do Sul e a seca na Amazônia. Sem **solidariedade popular**, os impactos seriam ainda maiores pois vivemos um conflito, cada vez mais agressivo, entre o capital e a vida. De um lado, essas grandes empresas chamadas de transnacionais e as elites econômicas, grupos restritos de pessoas que acumulam muito dinheiro e poder. Do outro lado, as pessoas que vivem em condições cada vez mais precárias. Dentre essas pessoas da classe trabalhadora, as **mulheres são as principais responsáveis por sustentar a vida**. As mulheres trabalham dentro e fora de casa e garantem funções de cuidados com as pessoas, as comunidades e a natureza.



Ilustração: Ellen Dias

Por uma vida livre de violências

Lutamos por **justiça reprodutiva**, o que significa que defendemos a **legalização do aborto** como um **direito fundamental**, da mesma maneira que defendemos o **direito à maternidade**, com o apoio do Estado e da sociedade garantido às gestantes. Estes direitos devem caminhar com a superação das desigualdades de gênero, raça e classe. Ao negar o **direito ao aborto**, os setores **conservadores e fundamentalistas religiosos** continuam atacando a vida das mulheres. As mulheres negras e pobres sentem isso de forma ainda mais violenta. Os efeitos de um aborto clandestino são nefastos: doenças, mortes, gravidez indesejada. Mesmo nos casos previstos por lei (anencefalia, gravidez decorrente de estupro ou risco de vida para a mulher), esse direito tem sido negado.

O aborto deve ser legal, seguro e gratuito! Todas as mulheres e pessoas que gestam têm autonomia para decidir sobre suas vidas, sem carregar culpas, silêncios e ameaças.

Autonomia também é **conhecer e cuidar** de nossos corpos sem as imposições da indústria farmacêutica. Não queremos seus padrões de beleza, medicamentos e hormônios. Os **saberes das mulheres indígenas, quilombolas e das comunidades tradicionais** ensinam que **nosso primeiro território é o corpo**. As mesmas empresas que vendem medicamentos também vendem agrotóxicos. **Queremos uma vida livre de venenos!**

Para existir, o **capitalismo** organiza a forma como nossa sociedade trabalha. Com a chamada **divisão sexual e racial do trabalho**, o capitalismo separa as mulheres, pessoas negras e indígenas, para que façam os trabalhos mais desvalorizados. Dentre eles, estão os **trabalhos de reprodução da vida** (ligados aos cuidados e ao trabalho doméstico, por exemplo), de serviço e o trabalho informal sem direitos. Pessoas LGBTQI+, migrantes e pessoas com deficiência também são empurradas para condições de vida e trabalhos muito precários.



Foto: Elaine Campos

O conservadorismo e o fundamentalismo religioso são partes importantes do **neoliberalismo** e são centrais na ação da extrema-direita. Nos últimos anos, a **mobilização das mulheres** foi fundamental para enfrentar o bolsonarismo e garantir a vitória eleitoral de Lula. Hoje, estamos em melhores condições para organizar nossas lutas, mas ainda precisamos fazer muita pressão. Vemos e sentimos o **machismo** na internet no rádio, na TV, nos nossos bairros, comunidades e territórios. E isso acontece no mundo inteiro. Por isso, nosso **feminismo é internacionalista**.